

Habitar como Dimensão Territorial da Identidade: Espalhamento do Lar a partir das Mídias¹

Ben-Hur Bernard Pereira Costa²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

Os espaços de disputa, como a rua, e os espaços privados, como a casa têm apresentado mudanças significativas devido à profusão das mídias. Este artigo, que apresenta a área de trabalho criada para o desenvolvimento de uma tese de mesmo interesse, tem como proposta lançar luz sobre a identidade dos indivíduos na contemporaneidade (identidade nômade) não apenas como um aspecto que recai sobre a cultura e a sociabilidade, mas também como elemento que produz, assim como as mídias, novos ambientes e formas de habitar. A hipótese aqui apresentada é de que as identidades dos indivíduos se manifestam no espaço à medida em que este é ocupado, por meio das mídias, tornando-o parte de uma rede eco-midiática, que pode ou não compor o lar deste indivíduo.

Palavras-chave: mídia; lar; identidade; ecologia da mídia; geografias da comunicação.

A crise como potência

De acordo com Jesús Martín-Barbero (2015), habitamos hoje uma *mutação cultural* “que implica en primer lugar transformaciones de la idea que teníamos por sociedad, pues la sociedad y el Estado son las dos grandes creaciones políticas de la modernidad, y estas son las que se están transformando” (2015, p. 13). Sendo assim, o movimento de apaziguamento das crises, ao nos recobrar sobre a história dos fenômenos apontados como novos, não estaria assim, confortavelmente, ignorando que a percepção sobre o mundo mudou? Sim, redes sociais não são algo novíssimo, mas as redes sociais digitais não poderiam ter mais elementos de novidade do que apenas remixes de práticas tradicionais? Sobre esta pergunta não ansiamos uma resposta, visto ser uma questão retórica. A provocação se faz presente para que se questione a autoridade em se desmontar uma ideia de crise, quando talvez seria mais profícuo extrair delas formas outras de habitar o mundo.

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN). E-mail: bernardcosta89@gmail.com

É em resposta a esse fenômeno sentido que estamos desenvolvendo uma tese, da qual aqui apresentamos a discussão que cria a área de trabalho que dá base ao seu desenvolvimento, sendo esta área dividida em três temas: (a) Propriedades das mídias; (b) Midiatização do Mundo da Vida; e (c) Expressão e materialização das identidades. Para este artigo, nos debruçaremos de forma mais aprofundada sobre o tema (c), que assim como os dois primeiros eixos, são manifestações de uma crise do sentido de habitar.

Esta crise habitacional é só uma entre as inúmeras que experimentamos hoje. Com o Estado e a sociedade, onde fundamos as formas de ser no mundo, em transformação, se espera que crises se instalem em nossas dinâmicas. E de fato, é isso que nos aponta Martín-Barbero:

Nos encontramos con una sociedad en mutación, una en que muta la modernidad y sus instituciones; por eso es que hay crisis de la pareja, la familia, la escuela, la política. Los cambios que estamos viviendo son cambios de sociedad, son cambios de lo que teníamos como modelo de sociedad, porque muchas de sus claves, de sus ingredientes más esenciales han entrado en crisis desde hace ya bastante tiempo (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 13).

Portanto não há motivo para a surpresa sobre as diversas crises que hoje são apontadas. A forma como estruturamos as sociedades está sendo confrontada com as especificidades do contemporâneo, onde o virtual não pode mais ser o antônimo de “vida real”. O contemporâneo não só questiona o que entendemos sobre realidade, mas também legitima o virtual como algo que pertence ao campo do real. E tudo isso se desenvolve em um mundo que ainda se estrutura sob o estranhamento e medo da virtualidade. Há também o receio político sobre as espacialidades, bem como o receio emocional sobre a temporalidade. “En este contexto, hay una clara conciencia de que si queremos entender lo que le pasa a la sociedad tenemos que comprender que lo que ha cambiado realmente son los sentidos del tiempo y del espacio” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 14).

E para compreender essa mutação é preciso aceitar, para além da abstração e dos conceitos metafóricos, que habitamos espaços que se encontram tanto no terreno físico quanto virtual, e que o acesso a ele não se dá pelos pés, apenas. Além disso, também existem outros terrenos sendo criados ou descobertos e tanto estes quanto os terrenos físicos podem ser atravessados por redes e permitir o trânsito, por eles, por meio de fluxos de informação, de dados numéricos e experiências estéticas. E isso tudo envolto pelas

culturas que agora se encontram e demandam criatividade na interação, esfacelando uma linha imaginária que se traçou para observar o tempo e a evolução das sociedades. Por tudo isso, Martín-Barbero nos convida ao entendimento sobre o nosso tempo:

No se puede entender lo que está pasando em las sociedades sin comprender lo que está pasando en los fenómenos de migración y las conexiones que la gente vive con las culturas otras y sus culturas propias. Habitamos una sociedad que ya no es aquella sociedad histórica, homogénea, progresiva. Habitamos una sociedad estallada en tiempos y espacios (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 14).

Sendo a prática do cotidiano o produtor de nossa cultura, quando se altera a dinâmica daquele, obviamente se afeta a condução deste. Assim, a compreensão dos fenômenos apontados por Martín-Barbero (2015) surge como uma necessidade inicial ante os intuitos de se identificar ou deslegitimar crises contemporâneas. Pois a cultura seja talvez, hoje, um movimento muito mais difícil de se descrever e, portanto, perceber. Nos ocupamos agora de seus processos, tendo em vista que tudo aquilo que compõe uma cultura, se encontra nesse repertório de mutações. Para John B. Thompson (2011) há várias formas de se conceber a cultura dentro do pensamento antropológico, de onde ele destaca a *concepção estrutural* por contemplar as *formas simbólicas* e os contextos onde estes se circunscrevem.

Os fenômenos culturais, deste ponto de vista, devem ser entendidos como *formas simbólicas* em contextos estruturados e a análise cultural [...] deve ser vista como o estudo da *constituição significativa* e da *contextualização social das formas simbólicas* (THOMPSON, 2011, p. 181).

Por conseguinte, Thompson (2011) explica que os fenômenos de significado, interpretados pelos atores em seus cotidianos, se encontram em “contextos e processos sócio-históricos específicos dentro dos quais, e por meio dos quais, são produzidas, transmitidas e recebidas” (2011, p. 181), que acabam estruturadas de várias formas. É possivelmente sobre essa estrutura que Martín-Barbero (2015) identifica as *mutações culturais*. Aliás, segundo o autor, o que temos construído ao longo do tempo, sob os princípios modernos, tem se apresentado no século XXI com fragilidade: “esta sociedad

laica progresiva y progresista, ahora, encuentra que en realidad, ninguna de sus grandes creaciones funciona” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 14).

Portanto é certo que por uma perspectiva histórica, nossas dinâmicas sociais não sejam completamente novas, mas certamente os fenômenos que se desenvolvem hoje descrevem muito mais uma sociedade carente de um projeto social – como foi o projeto Moderno – que uma sociedade que apenas reproduz antigas práticas, costumes e valores customizadas para o tempo presente. Talvez justamente a ausência de um projeto de sociedade seja a característica que melhor nos define como os seres que somos, tomando essa ausência não como um defeito, um problema, mas como um indício de alinhamento entre a pluralidade e a convivência.

É também por isso que hoje o entendimento de informação já não é apenas a notícia lida no jornal diário, mas os dados que circulam entre as pessoas e os processos, os meios – de comunicação, de transporte, etc. – e os lugares destinados a passagem de transeuntes no tecido urbano. É por meio da informação que trafegamos e nos dissolvemos para trafegar. Habitamos os fluxos. Se a comunicação interpessoal já não encontra barreiras, se as formas de transporte encurtam as distâncias e estreitam os espaços, é a informação o veículo e o tíquete de passagem. E todo esse cenário que se sobrepõe ao mundo se instala nas lacunas do viver social, por conseguinte se choca com instituições cristalizadas, muitas destas mantidas em nome de uma segurança, de um pretense projeto antropocêntrico, que falhou.

Agora somos juntos com o mundo, nós voltamos a compô-lo como peças, como incompletude de algo que só é maior e só faz sentido junto. Essa dinâmica se faz nítida na urbe, onde os *lugares* se desenvolvem em *espaços*, descortinando-se como uma entidade feita de práticas³. E é como espaço que a cidade ativa uma natureza antes inanimada, mas que as conexões, a eletricidade e os fluxos trataram por “animar”, tal como nos aponta Manuel Castells:

[...] as regiões metropolitanas na Era da Internet caracterizam-se, simultaneamente pela dispersão e pela concentração espacial, pela mistura de padrões de uso da terra, pela hiper mobilidade e a dependência das comunicações e dos transportes, tanto intrametropolitanos quando internodais. O resultado é um espaço

³ Michel de Certeau (2012) assim diferencia *lugar* e *espaço*, quando sobre o primeiro o autor o descreve como a ordem organizada, um ambiente estático onde duas coisas não podem ocupar o mesmo lugar; já o *espaço* se faz pelo movimento e pela interação. Nas palavras de Certeau, “o espaço é um lugar praticado” (2012, p.184).

híbrido, feito de lugares e fluxos: um espaço de lugares interconectados.
(CASTELLS, 2003, p. 193).

E esses espaços, fazendo-se valer de uma metáfora arquitetural, tem a informação como pilares construtivos. Porque para estar, para ir e para ser hoje existem várias formas como nunca houve, por meio da informação, mas não apenas. Na coletividade, Martín-Barbero (2015) chamará esse fenômeno de *Informação Social*:

La información social como los modos en que el ser humano le entrega sus datos, sus necesidades, sus modos de pensar y sus modos de vivir a la escuela, al hospital, a la policía, a los bancos y a las instituciones de control. Lo paradójico está en como en “Facebook”, millones de seres humanos que no tienen nada que ver entre sí, se están intercambiando información de una punta a otra del planeta. Y también está, esa discusión sobre Google y el control de la información, y esa nueva religión de fe en las nuevas irrupciones y rebeliones de internet, y los modos como los niños se enchufan de otras maneras al mundo. Y hay reacomodos preciosos como la cantidad de modelos de familia; el estallido de la idea de familia, esto que había sido la base de la unidad, hoy es la base de la diversidad y de la dispersión. Transformaciones que no son meras transformaciones de una institución sino transformaciones de los seres humanos que nacen y se desarrollan en esa Sociedad (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 15).

Dando continuidade a citação, poderíamos também pôr que as transformações não são meras transformações tecnológicas, ou midiáticas. Não é apenas a inserção de um novo dispositivo técnico na vida social, mediando as relações de afeto e de poder, produzindo significados novos, mas também um nova sociedade que emerge, em conjunto, a partir dessas novas práticas e sentidos. Assim, percebemos que o cotidiano está sendo alterado pela lógica digital e virtual, logo a cultura que experimentamos hoje possui já em sua gênese as formas de habitar o mundo contemporâneo.

É cada vez mais evidente que a forma como entendemos a ação de habitar, por meio do senso comum, precisa ser discutida, agora, para além dos muros das universidades e daqueles que se debruçam para entender as formas de ser no mundo. Isto porque na contemporaneidade, os dispositivos midiáticos já conseguem materializar as metáforas propostas pela teoria da Ecologia da Mídia, onde ambientes surgem a partir dos meios técnicos de comunicação. A partir do momento em que estas ambiências se tornam perceptíveis a qualquer um, bem como o acesso aos dispositivos – em especial os móveis

e digitais – se caracteriza, inclusive, como novas formas de cidadanias e de identidades, as metáforas já não se encontram tão distantes de serem compreendidas e aceitas.

Mas se a ação de habitar se encontra agora nessa nova natureza híbrida e, estando ligado a essa ação uma série de valores, rituais, símbolos, artefatos e práticas, é possível perceber uma crise sobre o sentido de habitar, visto que comumente esta prática está associada à ideia de possuir uma propriedade e não como uma forma de experimentação do mundo. A crise se apresenta justamente aí: a contemporaneidade tem entregado uma pluralidade de formas em habitar, que podem ser encaradas como um ataque ao sentimento corrente. Habitar os fluxos transcende os espaços limítrofes, habitar por meio da informação transborda o ambiente privado e questiona a privacidade, ou até mesmo habitar sem se deslocar fisicamente, expõe uma sensível discussão acerca do que entendemos por casa e lar, bem como as relações destes com a ação de habitar.

Habitar a partir da Mídia e a Produção do Lar

Muitas são as ideias sobre o que significa, ou no que consiste o lar. Em geral, essas ideias versam sobre a questão da identidade, a partir do momento em que consideramos que lar é uma possibilidade que se desenvolve a partir do sedentarismo, de quando as pessoas passam a permanecer em um mesmo espaço, por um tempo significativo. “Habitar é, em determinado espaço e tempo, traçar uma relação com o território, atribuindo-lhe qualidades que permitam que cada um se identifique” (SEGAUD, 2016, p. 97). Daí surge a identificação com o lugar ou um processo de se projetar no lugar a fim de se deixar fazer parte dele, a partir do momento em que sentimos reciprocamente que o lugar também faz parte de nós.

Talvez interesse discutir aqui, ou pontuar, que esse processo possivelmente é inevitável, se observarmos a necessidade que o ser humano tem por habitar, como algo que o fundamenta, segundo Martin Heidegger (2006). Sendo assim, essa identificação com o lugar acaba sendo, de fato, uma construção, materialmente falando. Uma inserção do humano ao espaço por meio do preenchimento deste com artefatos, símbolos e práticas, possibilitando as pessoas que se estabeleçam em um determinado lugar. Assim explica, Marion Segaud, que o habitar “Expressa-se por meio de atividades práticas em

objetos móveis e imóveis; apreende-se pela observação e pela linguagem (a palavra do habitante)” (2016, p. 97).

Por sua vez, podemos considerar o habitar e, por conseguinte, a produção do lar como uma dimensão territorial das identidades. O lar será sempre único, criando e sendo criado a partir das dinâmicas identitárias dos seus moradores. “De fato, é possível dizer que, se o habitar é um fenômeno geral, existem tantas maneiras de habitar quanto de indivíduos” (SEGAUD, 2016, p. 97). E se o habitar é, de fato, essa dimensão territorial da identidade, é possível também dizer, ou ao menos suscitar, que como pessoas, como unidade material de nós mesmos, nos encontramos materialmente para além dos nossos corpos. Somos seres distribuídos materialmente pelo tempo e o espaço; somos *aqui*, mas também somos *lá*, mas esse *lá* pode ser simultâneo ao *aqui*. Estamos e somos onde a nossa identidade se encontra expressa, ativa e dinamicamente.

Marshall McLuhan (2003) diria – e disse! – que nosso habitar é uma extensão de nossos corpos a medida em que também se configura como um meio de comunicação. Mas em que medida essa extensão é apenas uma prótese ou, de fato, uma parte nossa, que se encontra fragmentada no tempo e espaço? Como dito, não estaríamos nós materialmente distribuídos sobre o território? Esse pensamento um tanto ciborgue de um corpo potencialmente superior devido as implementações de tecnologias não-orgânicas se fundamenta, justamente, pela matéria, no artefato. Massimo Canevacci, nesse ponto, nos explica como o debate do ponto de vista da “extensão”, que outrora foi visualizada como uma espécie de evolução do corpo, desemboca, agora, num novo fenômeno:

As antropologias de tipo filosófico, de tipo Gehlen – que ainda definiam as tecnologias como extensões de atividades corporais, continuando a afirmar uma visão “humanística” e irracional do mundo –, manifestavam quase um terror nos processos de relativa automatização das tecnologias tradicionais. Com as novas tecnologias tudo isso termina decaindo. Esse falso humanismo de cunho conservador, conceitualmente imobilista, procura não ver como as tecnologias incorporadas não signifiquem extensões das capacidades tradicionais dos órgãos humanos, mas algo mais e diferente. É um processo disjuntivo que se afirmou, e não um mero evolucionismo demovido do terreno biológico ao tecnológico. Trata-se de mutações constitutivas de corpos pós-orgânicos (CANEVACCI, 2005, p. 31).

Porém, o que se pretende observar aqui é que também as identidades das pessoas nos distribuem sobre o território, tornando-nos corpos pós-orgânicos. É também a

ocupação e identificação com um lugar que nos espalha. A identidade expressa, materializada, faz parte dessas tecnologias abertas, que permitem a interação, a projeção de nós mesmos por meio delas. Para além de uma discussão sobre a verossimilhança entre o Eu e o Eu-virtualizado que se extrai dos dispositivos técnicos, a identidade potencializa essa corporeidade fragmentada e não a mera adição de artefatos tecnológicos ao corpo e aos sistemas cognitivos.

Sobre essa questão, se faz necessário pontuar que as mídias são, sem dúvidas, um dos artefatos que mais têm potencialidades de nos projetar para o mundo. Podemos construir identidades, lança-las, dissolvê-las, criar redes de sociabilidade, interagir com o mundo físico, criar mundos híbridos e, até mesmo, universos completamente virtuais. É por tal questão que as mídias devem ser consideradas quando falamos sobre a materialidade do habitar e a abrangência do espaço do lar para além das limitações do espaço compreendido como casa. É também a mídia, como entidade ou fenômeno, que possibilita visualizarmos o habitar como um espaço distribuído entre territórios.

Para podermos compreender melhor essas potencialidades das mídias como produtoras de espaços e, mais ainda, espaços que podem se desenvolver em lar, basta que pontuemos aqui como o espaço convencional da casa permite a criação de vários ambientes que podem não se relacionar uns com os outros, mesmo fazendo parte, fisicamente, do mesmo habitat. A medida em que uma casa abriga mais de uma pessoa e, cada indivíduo, como pontuado por Segaud (2016), cria suas próprias formas de habitar, uma mesma casa pode comportar diferentes lares. Ora, e como isso se torna possível se não por meio da identidade e da projeção da mesma no espaço?

Canevacci (2005) ao explicar o processo que cria uma juventude *interminável* devido a dilatação do que se compreende sociologicamente como jovem a partir do século XX, lança como exemplo o quarto de um jovem como um território distinto do resto da casa de seus pais.

Ficar com os pais não significa viver com eles. Possuir experiências etnográficas de tipo individual clareia as diferenças profundas. Basta olhar o quarto de um jovem, sua decoração interna descontínua, tão opositiva à dos pais. Decorar o quarto significa, para um jovem “interminável”, transformar a tapeçaria – aqueles horríveis papéis de parede com os quais as mães tecem o habitat filial – em patchworks coloridos (CANEVACCI, 2005, p. 33).

Esse quarto, fisicamente, é acessível aos pais, mas eles jamais conseguirão habitar o lar que o jovem instalou ali. Esse espaço, como pontua Canevacci (2005), se opõe ao resto da casa. Pode ser, inclusive, uma espécie de *heterotopia*⁴, proposta por Michel Foucault (2013). E esse espaço, como se percebe, se funda a partir da identidade do morador, que é apenas sua, não compartilhada. Uma identidade, materializada no quarto, que é movente, que se recusa a ser estática e que, assim, move também o espaço, que precisa acompanhar aquele quem abriga.

O espaço doméstico, chato e plano, pluraliza-se num espaço mutável, cheio de appliques e collagens: uma espécie de carteira de identidade que recusa qualquer congelamento identitário e que, ao contrário, expõe as muitas caras-signos temporárias por meio das quais deseja constituir-se. É uma constituição individual. Uma constituição musical e visualmente interminável (CANEVACCI, 2005, p. 33).

Pois bem, se até mesmo o quarto, aparentemente fixo e rígido, fisicamente falando, e também aparentemente subordinado as condições de vida dos pais, na verdade esconde um espaço exclusivo e identitário, portanto individual, não poderia a casa, para esse jovem (*interminável*) estar em qualquer lugar do planeta? Estar, inclusive, distribuída pela cidade, habitável de forma virtual, compartilhável com outras pessoas que sequer já foram vistas pessoalmente ou espaços físicos jamais visitados fisicamente? Se os pais e os demais moradores da casa não podem acessar esse lar único e muito menos impedir a existência desse espaço, faz também sentido que esse espaço não se limite à casa. Aliás, à casa dos pais, pois para esse jovem, a casa pode não ter limites.

Faz sentido também, portanto, que as mídias contemporâneas – portáteis, pessoais, partículas de um corpo pós-orgânico e territórios pós-geográficos – permitam a distribuição desses quartos para o mundo, para a rua. E podendo esses quartos serem estendidos para a rua, as possibilidades habitacionais desses espaços estão para além das possibilidades de um quarto. Afinal, as mídias, são ambientes. Para a teoria de Ecologia da Mídia essa é a possibilidade dos dispositivos midiáticos, que podem não só ser ambientes, mas também juntos, associados, criarem novos ecossistemas, territórios com

⁴ Foucault (2013) criou um conceito sobre *contraespaços* (FOUCAULT, 2013), que são subversões ou criações de novos espaços a partir de lugares impensáveis ou ignoráveis. “Em geral, a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis.” (FOUCAULT, 2013, p. 24).

dinâmicas e lógicas próprias. Então esse quarto que se estende ao mundo é algo além de quarto, mas uma experiência única de morar.

Para Massimo di Felice (2009) as mídias digitais inauguram uma nova forma de habitar o mundo chamado de *habitar atópico*. Essa forma de habitação se dá pela superação tanto da sobreposição do ser humano sobre o espaço, como também da dicotomia existente entre essas duas entidades. Ou seja, no *habitar atópico* não há hierarquias, mas elementos associados que permitem uma forma de habitar integrado, onde as mídias (eco-mídias) permitem o surgimento de ambientes virtuais ou híbridos que podem ser habitados, a partir do momento em que as pessoas praticam, experimentam e produzem esses ambientes de forma participativa e, muitas vezes, coletivamente.

A digitalização dos territórios não é uma simples reprodução digital do espaço. [...] as imagens digitais não se apresentam como uma imitação da paisagem. Não podem, portanto, ser consideradas uma cópia ou simulacro, nem somente sua mera extensão. Tal natureza, dinâmica e metageográfica, convida à necessidade de criar novas categorias (FELICE, 2009, p. 240).

As mídias digitais conseguem inaugurar essas novas formas de *ser-no-mundo* (HEIDEGGER, 2006), portanto a casa, como espaço físico, já não delimita onde começa ou termina (se é que termina) o lar. A experiência de morar, de pertencer ao lugar, demanda aqui uma atenção. Se as mídias ampliam o espaço habitável, o que torna esse espaço passível de se tornar lar é a identificação.

Identidade como Produtora de Novos Espaços

Retomando o exemplo do quarto em Canevacci (2005), explica o autor que mesmo em um ambiente físico e fixo, o espaço simbólico ali desenvolvido está em constante mudança, intimamente ligado às mutações do morador. O quarto está em constante trânsito porque o jovem *interminável* também está. Assim, a experiência de morar que transborda para a rua se encontra com um espaço que por si só é mutante, pois não pertence a ninguém ao passo em que pertence a todos. Além do mais, é um território autônomo e uma paisagem comunicativa-informativa.

Então observa-se aqui que os espaços não só são híbridos, entre o virtual e o físico, mas também, em certa maneira, complementares. Mas não complementares no sentido de

que juntos eles formam um Todo, mas no sentido de que um toca o outro, atravessa o outro, se sobrepõe ao outro, rivaliza com o outro, reafirma o outro. E assim como as mídias são encaradas como ambientes, as identidades passam a também a serem percebidas como lugares.

Tania Navarro Swain (2005) ao discutir sexualidade e gênero como conceitos forjados pela socialização, adentra no campo da identidade para explorar sua mutabilidade. Assim, a autora explica que na verdade a identidade não é apenas mutável, mas nômade. Logo, a identidade passa aqui a ser situada como território fluído, visto que ela está sempre em construção, criando uma *heterotopia* por onde transitamos.

Uma identidade em construção, móvel, transitória, uma identidade somente retrospectiva, da qual podemos traçar mapas acurados, mas “(...) a que indica unicamente onde já estivemos e onde, conseqüentemente, não estamos mais” (ibidem). O que fomos e já não somos mais. Ou melhor, o que pensamos ter sido e que só permanece no que a memória seleciona (SWAIN, 2005, p. 338).

Sendo assim, da mesma forma que os espaços virtuais e físicos se complementam, as identidades também acabam, como lugares, ampliando esse terreno. Mas se a identidade, ao passo em que é lugar, é também um traço de nossa existência única, significa apontar que quando a identidade cria espaços, acabamos pertencendo a eles, tornando-os lar?

Ainda sobre a ideia da identidade como lugar, Swain (2005) explica que o processo de descortinar o Eu acaba por criar *heterotopias* porque situa o corpo como local de fala e o movimento político como local dos discursos contra hegemônicos e de trânsito. Além do que, torna a questão um local, um lugar, pois o processo de construção do Eu compõe uma *cartografia de mim*, uma identidade nômade.

Então, ao levantar o conceito ou ideia de lugar de fala, pontua que falamos partindo de um lugar, que foi criado a partir das nossas experiências e trajetórias e esse lugar é o nosso corpo, o gênero atribuído, o gênero ressignificado ou descolonizado. Mas para além do gênero e da sexualidade, que é a seara de Swain, esse corpo como lugar também pode conter vestígios de outras características que nos identificou algum dia e que nos identifica hoje, permitindo que essas trajetórias sejam percorridas como espaços que conhecemos tão bem, como um lar.

A experiência de ser no mundo, como performance, é um traço de nossa identidade, porquanto se performamos também por meio das mídias, há nelas lugares de nossa identidade e também por meio delas podemos cartografar a nós mesmos. As mídias potencializam o nomadismo do Eu. Não por acaso o conceito de *heterotopia* é aqui adotado e se desdobra em uma “Heterotopia identitária”, que é esse espaço de identidade onde se encontram todas as formas de mim, que formam e deformam o Eu a todo momento, onde eu posso visualizar, criticar, endossar todas essas formas. E uma dessas formas, um desses corpos é o espaço, mas não qualquer espaço: o lar.

Considerações Finais

O lar é um espaço simbólico. Por comumente ser uma produção familiar, ele sempre foi enxergado como um ambiente compartilhado entre pessoas que dividem o lugar da casa e, portanto, a ideia de identidade – uma dimensão individual – é aqui substituída pela ideia de lar, que geralmente é pensada como uma dimensão coletiva, associada a um lugar específico: a casa. Assim, a associação entre lar e casa se torna direta e íntima, não demandando um olhar mais atento para a ideia de que o lar pode ser um espaço que se produz fora do alcance da casa. Portanto, se o lar é um espaço único, mesmo que compartilhado, o que o torna exclusivo são as identidades dos moradores que se atravessam no ato de morar.

Porém essas mesmas identidades, que se enlaçam e produzem um lar na casa, habitado por todos os moradores, também produzem individualmente outros espaços onde só o indivíduo tem acesso. Esses espaços seriam as *heterotopias*. Neste trabalho, contudo, buscou-se compreender se, além de uma *heterotopia*, esse espaço também não seria um lar, já que, se produzido por meio da identidade, permite ao morador um pertencimento. Ou seja, ao pertencer ao lugar, que se desenvolve em espaço a partir do momento em que o lugar é praticado, o morador se relaciona com o habitar que acaba por fundamentá-lo, por também ser uma expressão de si mesmo, de seu corpo e de sua identidade.

Já a identidade, por sua vez, não se cristaliza no espaço e no tempo, mas transita, é nômade. Então se o lar é produto das identidades dos moradores em associação, ele não só é mutante, como transeunte pelo território. Todo esse cenário se apresenta de forma

fluida e reflete sobre uma questão que frequentemente se imagina salvaguardada para as pessoas: as ideias de segurança a partir do espaço da casa e do conforto afetivo do lar. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) contemporâneas acabam por endossar a ideia de um lar nômade, distribuído pelo território e fragmentável.

A cultura midiática cria um ecossistema onde pessoas, artefatos técnicos, informações e espaço atravessam os ambientes privados, àqueles dos quais se esperam estar em oposição aos ambientes públicos. Mas não só os ambientes, mas as relações de trabalho e lazer, as ideias de privacidade e coletividade, de estética e política. As identidades que por si só já são nômades, visto que os indivíduos estão em constante processo de mudança, ganham terrenos para ocupar espaços simultaneamente por meio das mídias.

O nomadismo do lar acaba sendo expressado para além das *heterotopias* em casa, as mídias acabam permitindo o pertencimento dos moradores no espaço urbano, nos ambientes de trabalho, escolas e faculdades, no trânsito e rodovias. Afinal, podemos praticar o lar por meio dos dispositivos midiáticos móveis, podemos estar com quem realmente queremos, agora independentemente das possibilidades condicionadas pelo tempo e o espaço. As individualidades, inclusive aquelas censuradas em casa, com a família, podem ser expressadas por meio das mídias pessoais e, assim, nos fazendo ser junto ao espaço em que nos encontramos, culminando num pertencimento que outrora só o lar poderia permitir. Eis a questão: o lar não nos pertence como propriedade, como bem, mas dele nós fazemos parte, o constituímos. Assim, o lar é onde podemos ser junto ao mundo e, portanto, o lar é (também) midiaticamente nômade, assim como as identidades.

Observamos, como área de trabalho, a partir do debate aqui desenvolvido, que o lar pode ser fruto de uma territorialidade produzida em rede. Essa produção teria como base ao menos três pilares: (a) Propriedades das mídias; (b) Mídiação do Mundo da Vida; e (c) Expressão e materialização das identidades. Esse esquema se daria tanto em âmbito individual como coletivo/familiar. O primeiro, (a) Propriedades das mídias, é fruto de uma investigação⁵ que tem revelado as mídias como dispositivos de porosidade, que tendem a atenuar as superfícies que separam as entidades materiais e simbólicas, como é

⁵ Tal investigação tem sido desenvolvida desde a produção da dissertação defendida em 2016, no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, da UFRN. Na ocasião dissertou-se sobre a potencialidade da mídia em criar outras formas de habitar a casa e o mundo (COSTA, 2016).

a casa e os corpos dos sujeitos; tais entidades estariam morfologicamente mais abertas aos constantes intercâmbios de informações.

No eixo (b) Mídiação do Mundo da Vida realizamos o esforço de compreender a mediação do cotidiano, que nos parece ser um processo mais recente, ou ao menos mais perceptível na contemporaneidade. Tal processo potencializa os eixos (a) e (c), ou seja, ao passo em que as identidades são projetadas midiaticamente nos espaços físicos e fundam espaços virtuais e híbridos, esse processo se distribui por todo o ecossistema midiático ao qual estamos inseridos. Entendemos a mediação como um processo sociocultural que tem início a partir do surgimento das culturas de massas modernas. Para José Luiz Braga a mediação se desenvolve a partir das práticas sociais imersas em lógicas midiáticas. “Ao mesmo tempo em que a questão comunicacional se torna presente e fundante para a sociedade, os processos sociais se mediatizam – no sentido de que tomam diretamente iniciativas mediatizadoras” (BRAGA, 2012, p. 34).

Já o pilar (c) Expressão e materialização das identidades foi aqui descrito e analisado de forma condensada como um fenômeno que, apoiado sobre o processo de mediação, constitui o indivíduo contemporâneo. Essa vazão da identidade, em paralelo, também se apoia na homogeneização dos espaços urbanos, que a medida em que diluem identidades locais e vernacular, tornam-se cada vez mais decodificáveis e recodificáveis por quem atravessa o espaço. O atravessamento se torna habitação pois o nomadismo não é mais qualidade apenas dos errantes; o atravessamento se torna uma condição para habitar no contemporâneo, visto que, até em espaços como a casa, as identidades se manifestam de maneira plural e hiper-localizada: distribuídas simultaneamente em vários lugares.

Referências

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: **Mediação & Mídiação**. Org.: Jeder Janotti Junior, Maria Ângela Mattos, Nilda Jacks. Salvador : EDUFBA ; Brasília :Compós, 2012., Salvador; Brasília, p. 31-52.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas**: Mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012

COSTA, Ben-Hur B. P.. **Da reconciliação entre casa e natureza**: a emergência de morar pela mídia. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/21514/1/BenHurBernardPereiraCosta_DISSERT.pdf>. Acesso em: 8 set. 2019.

FELICE, Massimo Di. **Paisagens pós-urbanas**: O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar. São Paulo: Annablume, 2009.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, Habitar, Pensar**. In: Ensaaios e Conferências. (trad.) Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 7ª ed. 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Hacia EL HABLA SOCIAL Ampliada** [entrevista]. In: La Comunicación en Mutación [Remix de discursos]. Bogotá, n.15. 2015. p. 13-18.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

SEGAUD, Marion. **Antropologia do Espaço**: Habitar, fundar, distribuir, transformar. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

SWAIN, Tania Navarro. Identidade nômade: heterotopias de mim. **In.**: Imagens de Foucault e Deleuze. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2005. p. 325-341.

THOMPSON, John B.. **Ideologia e cultura moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.